



À LAIA DE ANTIPREFÁCIO

*Dance and laugh and play. Ignore the message we convey.
It seems we're only here to entertain.
A rebellion cut-to-fit. I refuse to be the soundtrack to it.
While we entertain we're still knee-deep in shit.
There's something wrong inside.
We've played it safe, enjoyed the ride.
You won't like this but I've something to confide.
We stand for something more than a faded sticker on a skateboard.
Now we've rained on your parade and we're out the door.
And I don't even care any fucking more.
Witness this pair in accomplice.
Witness this pair; lethargic, unconscious.
No brows furrowed in question, complacent, completing their tasks
(no questions asked)
Consider this critic a cretin,
Just resting on laurels completely invented.
Word acrobatics performed with both harness and net.
I am so full of shit.
But I will remain until this self-awareness fades
Until I defeat the purpose of this soapbox that you made.
That you made.
Hope, perseverance, a vision (some doubt).
Green ink, a 26 oz., a bad case of big-mouth.
A sum of our parts and I've never laughed harder.
A song in our hearts and I've never laughed harder.
It don't really matter cuz nothing's ever felt as right as this.
(by the way, I stole this riff)*



Em 1993, quase um século depois de Friedrich Engels ter dado à estampa o célebre manifesto *Anti-Dühring*, os Propagandhi lançaram o seu primeiro álbum, *How to Clean Everything*, que abre precisamente com a canção “Anti-Manifesto”.

Decerto ignorava aquela banda punk canadiana, de inclinações anarquistas e radicais de esquerda, que, num panfleto em *edição de auctor* saído em 1915, um jovem que se intitulou “poeta d’Orpheu, futurista e tudo” causara furor na Lisboa do seu tempo ao reivindicar a morte – com ponto de exclamação e tudo! – de um dos maiores representantes do *establishment* intelectual português da primeira metade do século xx.

Sob a pena e pelo génio de Almada, o *Manifesto Anti-Dantas e por Extenso* entrava em cena com furor e estrondo não muito depois de a República ter sido instaurada em Portugal, com ela trazendo um surto de anticlericalismo sem precedentes, que emergia ora em versão popular, expressa na violência de rua e em comícios contra a Igreja e os Jesuítas, ora com tradução institucional, vazada em letra de lei, cuja entrada em (implacável) vigor fez com que em 1912, um ano depois de ter sido aprovada a separação do Estado das Igrejas, nenhum bispo continuasse à frente dos destinos da sua diocese – todos os prelados de Portugal continental tinham sido entretanto silenciados, presos ou desterrados, e, enfim, destituídos do governo pastoral dos seus rebanhos.

Por esse tempo, a eclosão de um conflito sem precedentes entre as principais potências europeias da época, a que o país não pôde furtar-se por imperativo ultramarino e colonial, abria funda fratura na sociedade portuguesa e na opinião pública de então, opondo *guerristas* e *antiguerristas* em dezenas ou mesmo centenas de inflamados opúsculos e panfletos, suscitando acesas discussões de café, acaloradas intervenções nos jornais e São Bento. Poucos anos sobreviveria a República às cinzas deixadas na frente da Flandres, às intermináveis dissensões político-partidárias e aos conflitos sociais que a carência de vida fez despertar nos anos 20 sob a forma de greves e tumultos de rua, com mortos e feridos. Nesses anos – mais precisamente, em 1925 –, o publicista Mario Saa publicava o livro *A Invasão dos Judeus*, fazendo eco do antissemitismo que medrava na época, com efeitos catastróficos.

Em todos estes momentos, e porventura sem se aperceberem disso, os seus protagonistas inscrevem-se numa velhíssima tradição política que remonta, pelo menos, à Grécia antiga, em particular à democracia de Atenas.



Aí, e como observou Hannah Arendt, o emergir da esfera pública da *polis*, por oposição à esfera privada da *oikos*, pressupôs a existência de um espaço agonístico, de confronto dialógico de ideias, atitudes, pontos de vista. Um espaço circunscrito aos que tinham o privilégio da cidadania, estando arredados desse perímetro exclusivo as mulheres ou os metecos, mas ainda assim um círculo suficientemente amplo para que o possamos considerar ainda hoje modelo e linhagem, ou, pelo menos, antecedente remoto daquilo que somos ou aspiramos ser enquanto ideal de governo da cidade dos homens.

O anti, no entanto, não é exclusivo das democracias, longe disso. Muitas ditaduras nasceram à sombra de um *programa negativo*, proclamando-se antiparlamentares ou antipartidárias, como sucedeu com o Estado Novo de Oliveira Salazar. Simplesmente, uma vez instituídos e consolidados, é próprio dos regimes ditatoriais proscrever os antagonismos, se necessário por via da força, quase sempre por via da força.

Em democracia ou em ditadura, a natureza anti – política, religiosa, filosófica, ou o que quer que seja – poderá radicar num espírito de contradição que é inerente a todos os seres humanos e à sua condição finita, logo tempestuosa e agreste. E não será necessário recordar o que escreveu René Girard sobre a violência e o sagrado para percebermos que, a par dos regimes políticos, também as religiões ou demais formas de espiritualidade segregam (com diversas modulações, naturalmente) padrões de inclusão e de exclusão que remetem para as lógicas binárias de fidelidade/infidelidade que subjazem, ao cabo e ao resto, a todos os enquadramentos da ação humana.

Por outro lado, e ao contrário do que possamos pensar, o anti não revela forçosamente uma atitude iconoclasta ou contracorrente. Ele está presente, de igual sorte, na afirmação das instituições de toda e qualquer espécie (política, religiosa, económica, etc.), cujo devir e progresso supõem sempre, inelutável e necessariamente, a definição de um círculo de pertença e integração; e, portanto, assentam na rejeição ou disciplina daqueles que *a contrario sensu* se situam fora desse âmbito circunscrito, quer porque são estrangeiros e se filiam num horizonte diverso de afinidades, quer porque se afastam da norma e optam pelas margens do “sistema”.

O Estado não assume apenas o monopólio da administração da violência; para o fazer, tem de elaborar códigos e prescrições em que se preveem sanções e penas, as quais, gostemos ou não, são sempre animadas por uma



ideia repressiva que é, também ela, tributária de uma noção anti (ou reativa perante aqueles que a sociedade ordeira e o conformismo instalado catalogam como subversivos e merecedores do eloquente epíteto de “antissociais”).

Mesmo os que arvoram a mansidão como regra de vida e dão entrada em mosteiros contemplativos, os que frequentam grupos de meditação, que abraçam correntes alternativas ou que se perdem nos confins de florestas semivirgens (como sucedeu a Thoreau e aos transcendentalistas norte-americanos, e ainda acontece com frequência a milhares de adolescentes dos Estados Unidos, dos quais muitos desaparecem anualmente *Into the Wild*, para usar o título do filme dirigido em 2007 por Sean Penn), mesmo esses, dizíamos, exprimem uma atitude anti, uma atitude de recusa. Talvez não da *grande recusa* de Herbert Marcuse, que nortearia os tumultos dos anos 60 em Berkeley ou em Paris, mas em todo o caso de uma atitude que, mesmo de forma solitária e passiva, estritamente individual, rejeita em clave evasiva e sonhadora, quase sempre utópica, as coordenadas de um dado tempo ou espaço, tidos por insuportáveis e sufocantes.

Noutros registos, a pulsão adversarial manifesta-se de modo violento e agressivo, quase sempre *sangrentamente* agressivo. Os movimentos de ação direta e a atração da luta armada que flagelaram a Europa nos alvares dos anos 1970 e na década seguinte, do mesmo passo que os massacres perpetrados por homicidas isolados – de Ted Kaczynski a Timothy McVeigh, passando pelo norueguês Anders Breivik e pelos jovens *snipers* que ciclicamente matam estudantes nos liceus da América –, são sempre tributários de uma mundivisão anti, a que se procura dar um revestimento teórico e uma legitimação intelectual expressos em documentos tão díspares como o “Manifesto do Unabomber” ou a dilerante literatura neonazi consumida pelo assassino da ilha de Utøya.

Compreende-se assim que as sociedades ocidentais, e não só, vivam – ou sobrevivam – numa permanente e salutar tensão dialéctica entre dois polos contrastantes, o consenso e o conflito, para usar conceitos explorados há décadas por um conhecido cientista político, Seymour Marytin Lipset, os quais poderiam ser glosados pela dicotomia entre centro e periferia cunhada por outro nome cimeiro das ciências sociais, Edward Shils.

Se há quem afirme que foram o consenso, o espírito de compromisso e as grandes coligações governativas que permitiram à Europa do pós-guerra



renascer dos escombros e atravessar um período de prosperidade económica e social nunca visto nem repetido, do *Wirtschaftswunder* alemão aos *Trente Glorieuses* franceses, o bem-estar generalizado não apagou as sementes do conflito. Estas floresceram com vestes contestatárias na década de 1960, datando daí, e não por acaso, as primeiras referências a um tópico que na altura atormentou os espíritos mas que hoje está convertido em lugar-comum, o “conflito de gerações”.

Nessa época (e ainda hoje), muitos consideraram que a democracia liberal e a economia de mercado se inscreviam numa lógica opressora que não diluía o conflito, limitando-se a adormecê-lo através dos narcótipos da sociedade de consumo e da oferta desmesurada de bens materiais. Milhares de jovens em todo o mundo absorveram inebriados as teses de Foucault, que de forma inquestionavelmente sedutora e apelativa asseverava, logo na aberura de *Vigiar e Punir* que a disciplina e o controlo social instaurados “cientificamente” a partir do século XIX eram bem mais eficazes – e, logo, mais opressivos – do que as torturas e as execuções públicas de condenados à morte praticadas nos séculos antecedentes, de monarquia absoluta e despotismo iluminado.

A este propósito, não deixa de ser curioso observar que ensaístas contemporâneos como Tony Judt, em obras de sucesso mundial como *Um Tratado sobre os Nossos Actuais Descontentamentos*, evidenciam, em tempos de crise e de austeridade, uma irreprimível nostalgia pelos níveis de crescimento económico registados no pós-guerra, pelos seus padrões redistributivos e, enfim, pelas conquistas do Estado social, agora sob ameaça por causas diversas. Em larga medida, os militantes anti dos nossos tempos já não almejam uma transformação radical da sociedade e da economia, ainda que proclamem fazê-lo. O seu projeto reside muito mais, e porventura justificadamente, em preservar o património do *Welfare State* e dos “direitos adquiridos” contra a vertigem devoradora do neoliberalismo, podendo dizer-se que, a traços largos, o radicalismo contemporâneo, sob uma aparência revolucionária, é profundamente conservador, quando não conformista.

Possivelmente, a perenidade de um modelo social e político assenta na capacidade agregadora que demonstre para absorver o que lhe é adverso e anti, na força centrípeta imprescindível para lidar com o que lhe é contrário. Com a “diferença”, no fundo. Neste particular, a democracia



e os direitos fundamentais da pessoa humana, além do seu valor intrínseco, têm, digamos assim, uma importância instrumental de grande alcance. São eles que possibilitam, como nenhuns outros, que uma sociedade se desenvolva a partir de um diálogo, nem sempre fácil mas inquestionavelmente frutuoso, de todos os sufixos e prefixos, assimilando no seu interior teses e antíteses, o avesso e o direito, apocalípticos e integrados (permanece todavia em aberto a dilacerante dúvida sobre se o fervor apocalíptico não será, em direitas contas, uma forma de integração social como outra qualquer...).



Em 1967, André Malraux, ao publicar um volume expressivamente intitulado *Antimémoires*, disse ser seu propósito romper com as aproximações memorialísticas convencionais, interrogando-se, logo nas primeiras páginas, que interesse existe em recordar episódios do passado. É nesse livro que se profere uma frase célebre e de belo efeito, que o autor pretendeu recobrir com a aura da profecia: “Le XXI^e siècle sera spiritualiste... ou ne sera pas”. Podemos perguntar que pensaria o autor de *L’Espoir* das barbáries a que o século XXI tem assistido, quase todas praticadas em nome do anti e do “espiritualismo”, ou de uma visão deturpada e radical deste último.

Pouco ou nada se falou do livro que se encerra com este texto, ao contrário do que é usual nos escritos que servem de prefácio às obras que geralmente os dispensam, como acontece exemplarmente no caso presente. Daí ter-se dito, como advertência primeira, que estes parágrafos foram redigidos “à laia de antiprefácio”. Em suma, pode e deve o leitor prescindir destas linhas, escritas com a maior honra e gosto, sentimentos fundados na admiração profunda pelo dinamismo do diretor deste dicionário e pela excelência científica dos seus diversos colaboradores.

Lisboa, 25 de fevereiro de 2018

António Araújo

Jurisconsulto, Historiador,

Crítico Literário e

Conselheiro da Presidência da República



ÍNDICE GERAL

Dicionário

A

Antiabolicionismo

Jerónimo Trigo 3

Antiabortismo

Adelino Cardoso 13

Antiabrilismo

João Relvão Caetano 15

Antiabsolutismo

Ana Caldeira Fouto 18

Antiacademismo

Martinho Soares
Teresa Carvalho 28

Antiacordismo

Joana Lima 30

Antiafricanismo

Fernanda Santos 33

Antiagnosticismo

Sara Carvalhais de Oliveira 39

Antiagostinianismo

Helena Costa Carvalho 44

Antiagrarismo

António Castro Henriques 57

Antialfabetismo

Carlos Manique da Silva
Carlos Beato
Joaquim Pintassilgo 59

Antialquimismo

António M. Amorim da Costa 64

Antiambientalismo

Viriato Soromenho-Marques 69

Antiamericanismo

Viriato Soromenho-Marques 73

Antianalfabetismo

Carlos Beato
Carlos Manique da Silva
Joaquim Pintassilgo 80

Antianarquismo

Diogo Duarte 95

Antiantropocentrismo

Décio Ruivo Martins 102

Antiapriorismo

Álvaro Almeida 106

Antiarabismo

Ricardo Ventura 110

Antiarcadismo

Marta Marecos Duarte 113

Antiaristocracismo

Carolina Esteves Soares 123

Antiaristotelismo

Paula Carreira 132

Antiassistencialismo

Laurinda Abreu 139

Antiassociativismo

José Bernardino
Ana Catarina Rocha 142

Antiateísmo

Porfírio Pinto 147

Antiatomismo

Carlos Fiolhais 158



Antiautoritarismo			
Filipe Arede Nunes	162		
B			
Antibairrismo			
Bruno Venâncio	166		
Antibandarrismo			
João Carlos Gonçalves Serafim.	169		
Antibarroquismo			
Marta Marecos Duarte	176		
Antibelicismo			
Ricardo Franco	185		
Antibibliismo			
Porfírio Pinto	187		
Antibigbrotherismo			
Helena Costa Carvalho Simão Fonseca	193		
Antibiografismo			
Carlos F. Clamote Carreto	199		
Antibrasileirismo			
Luiz Eduardo Oliveira	205		
Antibritanismo			
Luiz Eduardo Oliveira	213		
Antibudismo			
António Moniz	227		
Antiburguesismo			
Marcelo G. Oliveira	230		
Antiburocratismo			
Margarida Seixas	234		
C			
Anticabralismo			
João Relvão Caetano.	243		
Anticamilismo			
Sérgio Guimarães de Sousa	250		
Anticamitismo			
Fernanda Santos	258		
Anticamonismo			
José Carlos Seabra Pereira	260		
Anticapitalismo			
António Castro Henriques	292		
Anticaritativismo			
Joana Lima	297		
Anticarnivorismo			
Isabel Drumond Braga	300		
Anticartesianismo			
Décio Ruivo Martins	308		
Anticartismo			
João Relvão Caetano Beatriz Miranda.	313		
Anticastelhanismo			
Sofia Santos Rui Sousa	320		
Anticasticismo			
Orlando Miguel Gama Alexandra Soares Rodrigues	345		
Anticatolicismo			
Luís Machado de Abreu	347		
Anticavaquismo			
João Relvão Caetano.	355		
Anticelibatismo			
Luís Machado de Abreu	357		
Anticentralismo			
António Moniz	360		
Anticharlatanismo			
Bruno Barreiros	365		
Anticientismo			
Carlos Fiolhais	370		
Anticlassicismo			
António Moniz	374		
Anticlassismo			
Bruno Venâncio	379		
Anticlericalismo			
Luís Machado de Abreu	387		
Anticolonialismo			
Pedro Caridade de Freitas	397		
Anticomunismo			
Miguel Real	405		
Anticomunitarismo			
Beatriz Miranda.	409		
Anticonceptismo			
António Moniz	416		
Anticongreganismo			
Luís Machado de Abreu	419		
Anticonservadorismo			
Adelino Cardoso	432		
Anticonstitucionalismo(s)			
João Carlos Loureiro	434		
Anticonsumismo			
Teresa Duarte Martinho	450		
Anticontinentalismo			
António Moniz	453		
Anticorporativismo			
Álvaro Garrido	457		
Anticosmopolitismo			
João Relvão Caetano.	462		
Anticriacionismo			
Daniel Gamito-Marques	467		



Anticristianismo		
Luís Machado de Abreu	472	
Anticruzadismo		
Inês Lourinho	478	
Anticurialismo romano		
Pedro Carlos Lopes de Miranda	483	
D		
Antidandismo		
Manuela Sobrinho	490	
Antidantismo		
Rosa Maria Fina.	491	
Antidecadentismo		
† Paula Lago.	493	
Antideísmo		
João Manuel Duque	512	
Antidemocratismo		
João Relvão Caetano.	513	
Antidescobrimetismo		
Paulo Drumond Braga	516	
Antidescolonialismo		
Pedro Caridade de Freitas	519	
Antidespesismo		
António Castro Henriques	522	
Antideterminismo		
Carlos Fiolhais	528	
Antiditatorialismo		
Bruno Venâncio	531	
Antidivorcionismo		
Miriam Afonso Brigas	536	
Antidogmatismo		
Luís Machado de Abreu	540	
Antidonjuanismo		
Manuela Sobrinho	543	
E		
Antieconomicismo		
António Castro Henriques	546	
Antielitismo		
José Adelino Maltez	549	
Antiempirismo		
Décio Ruivo Martins	553	
Antienciclopedismo		
Adelino Cardoso	556	
Antiepicurismo		
Rui Maia Rego Rafael Coutinho	559	
Antierasmismo		
Catarina Barceló Fouto.	569	
Antierotismo		
Eugénia Magalhães	577	
Antiesclavagismo		
Margarida Seixas	588	
Antiescolarismo		
Carlos Manique da Silva Carlos Beato Joaquim Pintassilgo	613	
Antiescolasticismo		
Décio Ruivo Martins.	618	
Antieslavismo		
Anamarija Marinovic	622	
Antiespagirismo		
António Moniz	625	
Antiespanholismo		
Ignacio Chato Gonzalo.	627	
Antiespecismo		
Luís Machado de Abreu	635	
Antiespiritismo		
Manuel Curado	637	
Antiestatismo		
António Castro Henriques	648	
Antiesteticismo		
Rui Sousa	651	
Antiestrangeirismos		
Sérgio Barros.	657	
Antiestructuralismo		
Acílio da Silva Estanqueiro Rocha	660	
Antieugenisimo		
Paulo R. C. Jesus	674	
Antieuropeísmo		
Maria Manuela Tavares Ribeiro	679	
Antieutanatismo		
Nuno Miranda	684	
Antievolucionismo		
Daniel Gamito-Marques	688	
Antiexistencialismo		
Luís Machado de Abreu Mariana Gomes da Costa	697	
Antiexotismo		
Everton V. Machado	704	
Antiexpansionismo		
Ricardo Ventura	706	
Antiexperimentalismo		
Décio Ruivo Martins.	711	
F		
Antifadismo		
Ana Gonçalves	714	



Antifarisaiísmo	
Maria Luísa Ribeiro Ferreira	719
Antifascismo	
José Luís Garcia.	724
Antifatalismo	
Helena Bacelar-Nicolau	731
Antifetimismo	
José Eduardo Franco	737
Antifederalismo	
Viriato Soromenho-Marques	743
Antifeiticeirismo	
Manuel Curado	
João Peixe	748
Antifeminismo	
José Barreto	766
Antifeminismo literário	
Joana Lima	796
Antificcionalismo	
Sara Augusto	800
Antifilosofismo	
Artur Manso	804
Antifiscalismo	
Rafael Marques	809
Antifolclorismo	
Jorge Freitas Branco	812
Antifontismo	
Isilda Braga da Costa Monteiro	816
Antifordismo	
Carlos Fiolhais	820
Antiformalismo	
Ernesto Rodrigues	822
Antifrancesismo	
Sara Carvalhais de Oliveira	825
Antifreudismo	
Manuel Silvério Marques	833
Antifundamentalismo	
Adelino Cardoso	846
Antifutebolismo	
Nuno Domingos	852
Antifuturismo	
Jorge Bastos da Silva	855

G

Antigalenismo	
António M. Amorim da Costa	859
Antigalicismo	
Vanda Figueiredo	863
Antigeneticismo	
Adelino Cardoso	866

Antigeocentrismo	
Décio Ruivo Martins	869
Antigermanismo	
Orlando Grossegesse	872
Antignosticismo	
Ricardo Ventura	877
Antigoticismo	
Ana María S. Tarrío	880

H

Anti-hegelianismo	
Helena Costa Carvalho.	897
Anti-heliocentrismo	
Décio Ruivo Martins	901
Anti-henriquismo	
Amélia Polónia	903
Anti-heretismo	
Porfírio Pinto	908
Anti-hierarquismo	
Rafael Coutinho	
Rui Filipe	913
Anti-higienismo	
Bruno Barreiros	917
Anti-hipocratism	
Adelino Cardoso	920
Anti-historicismo	
Justino Magalhães.	923
Anti-holismo	
Rui Manuel Grácio das Neves	928
Anti-homocentrismo	
Décio Ruivo Martins	930
Anti-homossexualismo	
Bruno Barreiros	
Adelino Cardoso	933
Anti-humanismo	
António Moniz	939
Anti-humanitarismo	
Joana Lima	943
Anti-humoralismo	
Joaquim Barradas	947

I

Anti-iberismo	
Conceição Meireles Pereira	955
Anti-idealismo	
Álvaro Almeida	963
Anti-ideologismo	
João Duarte	969



Anti-iluminismo	
Ana Cristina Araújo	973
Anti-imigracionismo	
Ana Paula Beja Horta João Peixoto	983
Anti-imperialismo	
Bruno Cardoso Reis	987
Anti-industrialismo	
Carlos Fiolhais	995
Anti-inquisicionismo	
Ana Leal de Faria	999
Anti-institucionalismo	
Pedro Cabral Santo	1011
Anti-integralismo	
Ricardo de Brito	1015
Anti-intelectualismo	
Rui Maia Rego	1019
Anti-internacionalismo	
João Relvão Caetano	1024
Anti-islamismo	
Ricardo Ventura	1029
J	
Antijansenismo	
Cândido dos Santos	1047
Antijesuitismo	
José Eduardo Franco	1053
Antijornalismo	
Isabel Drumond Braga	1077
Antijudaísmo	
Jesué Pinharanda Gomes	1083
Antijurisdicção	
Miriam Afonso Brigas	1114
Antijusnaturalismo	
Ana Caldeira Fouto	1117
L	
Antilatinismo	
Mário Lopes da Silva	1127
Antilegitimismo	
João Relvão Caetano Beatriz Miranda	1134
Antileninismo	
António Ventura	1140
Antiliberalismo	
Ernesto Castro Leal	1142
Antilibertinismo	
Rui Sousa	1152

Antiliteralismo	
Ernesto Rodrigues	1160
Antilivre-cambismo	
João Carlos Graça	1164
Antilobotomismo	
Manuel Correia	1170
Antilusitanismo	
Orlando Miguel Gama Alexandra Soares Rodrigues	1173
Antilusofonismo	
Joana Lima	1176
Antilusotropicalismo	
Ana Ribeiro	1181
Antiluteranismo (Época moderna)	
† João Francisco Marques	1183

M

Antimaçonismo	
José Eduardo Franco Fernanda Santos	1205
Antimaniqueísmo	
José Carlos Lopes de Miranda	1224
Antimaoismo	
Sara Totta	1228
Antimaquiavelismo	
Giuseppe Marcocci	1232
Antimarialvismo	
Helena Isabel Jorge	1238
Antimarxismo	
Sara Totta	1240
Antimaterialismo	
Sebastião Formosinho	1246
Antimecanicismo	
Sebastião Formosinho	1253
Antimedievalismo	
Ricardo Ventura	1257
Antimercantilismo	
António Castro Henriques	1262
Antimiguelismo	
Conceição Meireles Pereira	1264
Antimilitarismo	
Ana Caldeira Fouto	1267
Antimiscigenacionismo	
Susana Alves-Jesus	1274
Antimisticismo	
Eugénia Magalhães	1278
Antimodernismo católico	
Luís Machado de Abreu	1284



Antimodernismo literário
Annabela Rita 1289

Antimonarquismo
Luís Salgado de Matos 1296

N

Antinacionalismo
Pedro Caridade de Freitas 1304

Antinapoleonismo
Cristiana Lucas Silva 1308

Antinaturalismo
Adelino Cardoso 1314

Antinaturopatismo
António M. Amorim da Costa 1316

Antinazismo
Ricardo Ventura 1319

Antineoliberalismo
João Relvão Caetano 1323

Antineologismo
Maria Carmen de Frias e Gouveia 1328

Antineorrealismo
Jorge Augusto Maximino 1331

Antinewtonianismo
Décio Ruivo Martins 1335

Antiniilismo
João Oliveira Duarte 1337

Antinormativismo linguístico
Sérgio Barros 1343

Antinormativismo
Álvaro Almeida 1345

Antinotivaguisimo
Rosa Maria Fina 1351

Antinuclearismo
Helena Mateus Jerónimo 1353

Antinupcialismo
Míriam Afonso Brigas 1361

©

Antiobscurantismo
Ernesto Rodrigues 1364

Antiocultismo
Manuel Curado 1367

Antipusdeísmo
Beatriz Miranda 1377

Antiorganicismo
Sebastião Formosinho 1384

Antiorientalismo
Everton V. Machado 1387

Antiotomanismo
Ricardo Ventura 1390

P

Antipaganismo
Porfírio Pinto 1395

Antipapismo
Pedro Carlos Lopes de Miranda 1402

Antiparacelsismo
António M. Amorim da Costa 1408

Antiparlamentarismo
João Relvão Caetano 1412

Antipartidarismo
João Relvão Caetano 1416

Antipastoralismo
Vera Rocha Prescott 1419

Antipatriotismo
Orlando Miguel Gama
Alexandra Soares Rodrigues 1422

Antipedagogismo
Helena Isabel Jorge 1427

Antipessoanismo
Sérgio Guimarães de Sousa 1431

Antipetrarquismo
Micaela Ramon 1437

Antipicarismo
Artur Henrique Ribeiro Gonçalves 1442

Antipimbismo
Ricardo Franco 1444

Antiplatonismo
Manuel Curado 1449

Antipluralismo
Ricardo Franco 1469

Antipolítiquismo
Filipe Arede Nunes 1471

Antipombalismo
José Eduardo Franco
Vanda Figueiredo 1474

Antipopulismo
Enrico Borghetto 1482

Antipornografismo
Patrícia Ferraz de Matos 1485

Antiportuguesismo
Cláudia Fernandes 1496

Antipositivismo
Adelino Cardoso 1501

Antipresencismo
Rosa Maria Fina 1506

Antipriscilianismo
Ricardo Ventura 1508



- Antiprogressismo**
Jorge Bastos da Silva 1511
- Antiproprietarismo**
Míriam Afonso Brigas 1519
- Antiprotecionismo**
António Castro Henriques 1522
- Antiprotestantismo** (Época contemporânea)
† João Francisco Marques 1528
- Antiprovençalismo**
Maria Carmen de Frias e Gouveia . . . 1559
- Antiprovincianismo**
Tiago Rego Ramalho 1561
- Antipsicologismo**
Manuel Curado
José António Alves 1565
- Antipsiquiatriso**
Manuela Fleming 1573
- Antipurismo**
Sérgio Barros 1578
- Antipuritanismo**
Isabel Baltazar 1582
- Q**
- Antiqueirosianismo**
Annabela Rita 1584
- Antiquietismo**
Eugénia Magalhães 1586
- R**
- Antirracionalismo**
Adelino Cardoso 1597
- Antirracismo**
Ana Rita Alves
Rita Cachado
Ana Cruz 1599
- Antirrealismo**
Annabela Rita 1607
- Antirreducionismo**
Adelino Cardoso 1609
- Antirreformismo educativo**
Carlos Manique da Silva
Carlos Beato
Joaquim Pintassilgo 1612
- Antirreformismo linguístico**
Maria Carmen de Frias e Gouveia . . . 1619
- Antirreformismo político/administrativo**
Filipe Arede Nunes 1625
- Antirregalismo**
Pedro Carlos Lopes de Miranda . . . 1628
- Antirregionalismo**
Alberto Vieira 1632
- Antirrelativismo**
Carlos Fiolhais 1640
- Antirreligiosismo**
Luís Machado de Abreu 1644
- Antirrepublicanismo**
Luís Salgado de Matos 1651
- Antirrestauracionismo**
Ana Leal de Faria 1659
- Antirromantismo**
Sérgio Guimarães de Sousa 1671
- Antirusselismo**
Sofia A. Carvalho 1679
- S**
- Antissalazarismo**
João Relvão Caetano
Rosa Maria Fina 1681
- Antissaramaguianismo**
† Paula Lago 1687
- Antissaudosismo**
Artur Manso 1690
- Antissebastianismo**
Ricardo Ventura 1696
- Antissegregadismo**
Adelino Cardoso 1711
- Antisseiscentismo**
Maria Luísa Malato 1713
- Antissemitismo**
Paulo Mendes Pinto 1718
- Antissetembrismo**
Maria Luísa Gama 1724
- Antissexismo**
Ana M. Bijóias Mendonça 1727
- Antissidonismo**
Armando Malheiro da Silva 1731
- Antissimbolismo**
Manuel Curado
Armando Magalhães 1747
- Antissindicalismo**
José Barreto 1752
- Antissinismo**
António Graça de Abreu 1759
- Antissoarismo**
Fernando Mendonça Costa 1766
- Antissofismo**
Manuel Curado 1769
- Antissolipsismo**
Manuel Curado 1778



Antissovietismo	
António Ventura	1789
Antissufragismo	
Isabel Lousada	
Isabel Baltazar	1792
Antissurrealismo	
Fernando Azevedo	1796
T	
Antitabagismo	
Hilson Cunha Filho	1798
Antitaylorismo	
Décio Ruivo Martins	1805
Antitecnologismo	
Patrícia Ferraz de Matos	1808
Antitecnoutopismo	
Carlos Fiolhais	1811
Antiteísmo	
João Manuel Duque	1814
Antiteologismo	
Porfírio Pinto	1816
Antiterceiro-mundismo	
João Relvão Caetano	1819
Antiterrorismo	
José Pedro Zúquete	1824
Antitomismo	
Paula Oliveira e Silva	1831
Antitradicionalismo	
Jorge Bastos da Silva	1847
Antitridentismo	
José Eduardo Franco	
Cristiana Lucas Silva	1856
Antitroikismo	
Fernando Mendonça Costa	1865
U	
Antiultramontanismo	
Cristiana Lucas Silva	1867
Antiuniversalismo	
João Relvão Caetano	1885
Antiuniversitarismo	
Pedro Vistas	1891
Antiurbanismo	
Moirika Reker	1897
Antiusurismo	
António Castro Henriques	1903
Antiutilitarismo	
Isabel Baltazar	1909
Antiutopismo	
António M. Amorim da Costa	1910

V

Antivacinismo	
Bruno Barreiros	1913
Antivaticanismo	
Luís Machado de Abreu	1918
Antivegetarianismo	
António Moniz	1920
Antiveirismo	
José Eduardo Franco	
Vanda Figueiredo	1922
Antivintismo	
Isilda Braga da Costa Monteiro	1933
Antivitalismo	
Moirika Reker	1937

X

Antixenofobismo	
Fernanda Santos	1941

Elucidário de conceitos e correntes afins

A

Abjeção	
Rui Sousa	1947
Alternativa Zero	
Pedro Cabral Santo	1950
Anti-antiutopia	
António Pereira	1951
Antiarte	
Gonçalo M. Tavares	1954
Antiautonomia	
Alberto Vieira	1955
Antítese eslava	
Anamarija Marinovic	1960
Ateísmo	
Porfírio Pinto	1964

C

Anticinema	
Ricardo Franco	1966
Anti-Coca-Cola	
António Moniz	1973
Anticorpo	
Vanda Figueiredo	1975



Anticristo
José Eduardo Franco 1985

Anticultura
José Eduardo Franco 1988

Ceticismo
Ricardo Ventura 1989

Contracultura
Teresa Duarte Martinho 1991

**Cristãos-novos
e limpeza de sangue**
José Eduardo Franco
Cristiana Lucas Silva 1993

D

Anti-design
Sandra Leandro 1999

Decadência
Adelino Cardoso 2003

Decadentismo
Ernesto Rodrigues 2004

Dissidência
Rui Sousa 2006

Dualismo
José Maria Silva Rosa 2008

E

Antiepopéia
Martinho Soares
Teresa Carvalho. 2011

Anti-escola nova
Rita Balsa Pinho
José Eduardo Franco 2034

Antiestrangeiro
Cristiana Lucas Silva 2044

Estrangeirados
Cristiana Lucas Silva 2048

F

Antifeminino
Maria Luísa Ribeiro Ferreira 2055

Antifilosofia portuguesa
José Eduardo Franco 2059

Antifisiocracia
Teresa Nunes. 2062

**Fim da história
e história finimundista**
José Eduardo Franco
José Manuel Fernandes 2068

G

Anti-Garrett
José Carlos Seabra Pereira 2074

Antiglobalização
Pedro Caridade de Freitas 2083

Antigramática
Maria Carmen de Frias e Gouveia 2085

Glocalização
José Eduardo Franco 2089

H

Anti-Herculano
Teresa Margarida Jorge 2090

Anti-herói
Anamarija Marinovic 2091

Heresia e ortodoxia
José Eduardo Franco 2094

Hipertexto e antitexto
† José Augusto Mourão
José Eduardo Franco 2095

I

Iconoclastia
Marco Daniel Duarte 2096

Ideologia
Adelino Cardoso 2100

Anti-insularidade
Alberto Vieira 2101

Anti-Internet
José Jorge Barreiros 2112

J

Anti-Junqueiro
Henrique Manuel Pereira 2116

L

Anti-Lisboa
João Diogo R. P. G. Loureiro 2120

Antiliterata
Susana Vieira. 2123

Anti-Luzes
Fernando Augusto Machado 2126

Libertários
João Freire
Ana Catarina Rocha
Rui Sousa 2137

Libertinos
Rui Sousa 2142

**Lisboa Capital do Nada****- Marvila 2001**

Mário Caeiro 2146

M**Antimemória**

André Pacheco 2149

Antimestiçagem

Patrícia Ferraz de Matos 2156

Marginalidade

Rui Sousa 2167

Modernidade

Ricardo Ventura 2171

Mundividência

João Duarte 2172

N**Não lugares**

Luísa Antunes Paolinelli 2174

Narcisismo

Sérgio Guimarães de Sousa 2182

O**Antiojetualidade**

Carlos Vidal 2189

P**Anti-Papa Francisco**

José Eduardo Franco 2193

Antipetróleo

António Pereira. 2195

Antipoesia

Joana Lima 2199

Antiprovérbio

Anamarija Marinovic 2203

Antipsicanálise

Maria João Nobre 2213

Patologia

Álvaro Almeida 2217

R**Anti-renascença portuguesa**

Sofia A. Carvalho 2223

Anti-RenascimentoFernando Grilo
Joana Balsa de Pinho 2227**Antirromance**

Marcelo G. Oliveira 2234

Revanchismo

Ricardo Ventura 2235

S**Antissubjetividade**

Carlos F. Clamote Carreto 2237

Antissubúrbio

João Pedro Silva Nunes. 2248

Simulação e dissimulação

José Eduardo Franco 2257

Singularidade

Carlos Fiolhais 2258

T**Antitelevisão**

José Jorge Barreiros 2259

Antiteodiceia

Paulo Fernando Rocha Antunes 2264

Antiteoria

Sérgio Guimarães de Sousa 2267

Antiteoria literária

Joana Lima 2284

Teologia negativa

José Eduardo Franco 2287

Transgressão

Rui Sousa 2289

U**Anti-Ultimato**

João Pedro Cambado 2292

V**Vanguarda**

João Relvão Caetano. 2294

Veridicismo

Adelino Cardoso 2297

